

---

BRAGA, Reginaldo Gil. *Batuque jêje-ijexá em Porto Alegre: a música no culto aos orixás*. Porto Alegre: Fumproarte/Secretaria Municipal de Cultura, 1998. 235 p.

*Rose Marie Reis Garcia*

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil*

O livro trata da presença do Batuque no Rio Grande do Sul, dando relevo aos dados musicais, religiosos e históricos. A metodologia empregada pelo autor baseia-se nas indicações de Turner (1980) e privilegia três categorias de fontes para coleta e interpretação dos símbolos rituais: “1) forma externa e características observáveis; 2) interpretações oferecidas pelos especialistas religiosos e pelos simples fiéis; 3) contextos significativos em grande parte elaborado pelos antropólogos”.

A obra está dividida em três partes:

A primeira parte do livro concentra-se no Batuque, fazendo uma abordagem do mesmo no tempo e no espaço, relacionando-o à presença africana no estado e situando-o em Porto Alegre. Esclarece sobre os “Lados”, as “Casas de nação”, os “Axós”, e discute enfoques como economia, autoridade e hierarquia, a disciplina imposta aos “filhos/filhas de santo”, a orientação de “pai e de mãe de santo”, as injunções determinantes para a participação de mulheres no culto.

A segunda parte detém-se no Sistema de Crenças, caracterizando as “moradas” e “passagens” dos orixás. Segue-se uma revisão sobre a hierarquia mítica dos principais orixás (Bará, Ogum, Oiá, Xangô, Odé e Otim, Ossanha, Obá, Xapanã, Bédji, Oxum, Iemanjá, e Oxalá). No ciclo ritual, há uma descrição dos rituais cumpridos nas cerimônias fixas (“Entrega do Ano”; “Festa dos Navegantes”; “Os orixás vão pra guerra” e “Limpeza da Semana Santa”), e nas cerimônias móveis (“Matança” ou “Serão”; “Festa”; “Levantação da Festa”; “O peixe”; “Passeio”; “Confirmação da festa”, “Terminação da festa”).

A terceira parte é dedicada à Etnomusicologia dos Rituais, contendo detalhes sobre os “tambores” (construção, sistema de tensão, a consagração dos tambores ao culto), e os tamboreiros. Distingue os “axés” ou “rezas”, exemplificando vários deles (“Chamada”, “Axés dos orixás”, “Axé da balança”,

“Afujá do Xangô”, “Alujá da Iansã”, “Axés de agradecimento”, “Axés de misericórdia”, etc.). Coloca em evidência as “pancadas” que permitem a comunicação com os orixás. Os fonogramas gravados pelo pesquisador foram registrados em pauta musical. A funcionalidade do repertório abrange: a) as cerimônias públicas, enfocando os mitos cantados e dançados, os tipos de axés executados, além de considerações sobre a música e a dança dos orixás; b) as cerimônias privadas, enfatizando a presença da música nas etapas preliminares dos rituais. A análise das “Pancadas” considerou os princípios estruturais e os padrões rítmicos básicos, e a dos “Axés” tomou como foco a estrutura das alturas, a estrutura formal, e os textos. Foram examinadas as características musicais dos tipos de axés, bem como estabelecidas relações entre as “pancadas” e os tipos de “axés”.

A pesquisa de campo foi realizada entre babalorixás representativos, como Pedro de Iemanjá e Ayrton do Xangô (Ayrton Paixão), ambos já falecidos, e ainda Mário da Oxum; contou com as informações dos tamboreiros Walter Calixto (o Borel) e Antônio Carlos do Xangô.

O trabalho culmina com uma discussão dos resultados da pesquisa em torno da questão “relacionamento entre música e ritual”. Sobressaem, nesse capítulo, as informações sobre a sacralização dos tambores, bem como as históricas míticas cantadas, narrando a “experiência arquetípica dos orixás” e constituindo-se em poderoso veículo desencadeador do transe. Ao longo da discussão, as constatações permitidas pela análise são contrapon-teadas por colocações de autoridades no campo da antropologia como Roger Bastide, Melville Herskovits, Arthur Ramos, Ari Pedro Oro, Carlos Rodrigues Brandão, no campo da história como Dante de Laytano, Mário Maestri, Sandra Pesavento, folcloristas como Carlos Galvão Krebs, Norton F. Corrêa, etnomusicólogos como Oneyda Alvarenga, Gerhard Kubik, Fernando Ortiz, Angela Lühning, entre outros. Ganha relevância a identidade batuqueira com o “reconhecimento das diferenças em relação à maioria branca e católica e no fortalecimento dos elos de identificação entre os batuqueiros, negros e mestiços [...] que através da sua religião mantém uma identidade grupai própria.”

As informações de ordem histórica são enriquecidas com dados sobre o contingente populacional negro nas cidades sul-rio-grandenses de maior porte entre o final do século XVIII e meados do XIX. Desmitifica o pensamento corrente sobre a pouca influência da presença negra no estado, principalmente quando se fica sabendo pelo prefaciador prof. Norton Corrêa que foi estimado

em cerca de 50.000 o número de casas de culto afro-brasileiro no Rio Grande do Sul. No que se refere à linguagem sagrada, foi detectado ainda o uso de formas arcaicas em iorubá e jêje, aspecto esse resultante do isolamento em que ficaram os negros que permaneceram no estado, após a decadência das charqueadas e o fim da migração forçada. Isso explica a preservação da herança cultural dos cânticos e ritmos oriundos da Nigéria e Benin, implantados há mais de um século e meio no sul do Brasil.

A obra apresenta como anexos um Glossário, Transcrições Musicais, e Ilustrações. A Bibliografia contém, além dos livros e artigos consultados, a indicação de material de arquivo vasculhado e uma listagem discográfica.

O livro é resultado da dissertação de Mestrado em Etnomusicologia, apresentada e defendida publicamente pelo autor como trabalho final para obtenção do título de Mestre, na Universidade Federal da Bahia, no ano de 1997. Trata-se de uma contribuição pioneira a respeito da música afro-religiosa dos Batuques no Rio Grande do Sul.